

CAPÍTULO  
• 37 •

## Homenagem a Ives Gandra da Silva Martins



Da esquerda para direita: Fernando Leça, José Guilherme Queiroz de Ataíde, Cônsul Geral de Portugal, Nelly Martins Ferreira Candeias, Maria Odete Duque Bertasi e Ives Gandra da Silva Martins.  
26 de novembro de 2009.

## Palavras da Presidente

**E**xmo. Sr. Cônsul Geral de Portugal, José Guilherme Queiroz de Ataíde, Exma. Senhora Dra. Maria Odete Duque Bertasi, a quem cumprimento em nome das mulheres paulistas por ocupar o honroso cargo de Presidenta do Instituto dos Advogados de São Paulo, a primeira mulher a presidir o mesmo Instituto que, em 1899, rejeitou, por maioria de votos, o parecer de comissão que permitiria à mulher brasileira o exercício da advocacia, Dr. Fernando Leça, Presidente do Memorial da América Latina, Exmo. Senhor Professor Dr. Flávio Fava de Moraes, ex-Reitor da USP e diretor da Fundação da Faculdade de Medicina, Dr. José Furian Filho, Diretor dos Correios.

Exmo. Sr. Professor Doutor Ives Gandra da Silva Martins, a quem prestamos hoje nossa homenagem, expressão viva da vocação humanista desta entidade.

Ao comemorar os 115 anos do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, é uma honra receber nesta casa de memória paulista representantes do Mackenzie e do Instituto dos Advogados de São Paulo, entidades que, em 1894, compartilharam da sua fundação e contemplaram, no decorrer do tempo, sua gloriosa consolidação.

Cento e quinze anos são tempo suficiente para evocar o mérito dos nossos predecesores por intermédio das gerações sucessivas de suas famílias. Aqui se encontram os descendentes daqueles que nos primórdios desta entidade contribuíram para o progresso da Nação, projetando-se na história, na geografia, no direito, na política e no magistério doutrinário. É um merecido tributo de reconhecimento e respeito por alguns daqueles que podemos chamar de nossos maiores: Leon Estevão Bourroul, Carlos Botelho e Horace Lane, fundadores; Leôncio do Amaral Gurgel e José Maria Whitaker tomaram posse na primeira década do século XX.

Lembrar seus nomes dignifica esta comemoração histórica e recorda o período inicial já distante da nossa existência associativa. Páginas sobre a história do Brasil e de Portugal, do período colonial à república, foram por eles publicadas na revista do Instituto, criada em 1895, páginas essas que cobrem de glórias tais precursores.

Nada ilustra melhor este momento do que as palavras de Rui Barbosa, nosso Presidente Honorário: "A pátria é a família amplificada. E a família, divinamente constituída, tem elementos orgânicos como a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença, o sacrifício. É uma harmonia instintiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas... Multiplicai a família e tereis a pátria".

Em 1894, a cidade de São Paulo tinha apenas 150.000 habitantes dispersos pelas freguesias da Sé, Consolação, Santa Efigênia e Brás, 16.000 casas de moradia, 1.500 vazias e 300 em construção.

O Instituto foi criado no salão nobre da Faculdade de Direito, tendo, entre seus membros fundadores, bacharéis formados nos cursos jurídicos dessa escola, vários deles membros da Maçonaria e da Bucha, assim como poderosos cafeicultores, acadêmicos e cientistas de renome no Brasil e em outros países.

Alguns haviam participado da Convenção de Itu, em 1873. Procedentes de várias regiões da Província, 21 anos depois, passaram a ter atuação simultânea no Instituto dos Advogados de São Paulo e no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Prudente de Moraes, Américo Brasiliense de Almeida Melo, Jorge Tibiriçá e Bernardino de Campos integraram a elite dirigente da política de São Paulo e do Brasil e pertenceram às duas entidades.

Os três primeiros governadores de São Paulo e os três primeiros presidentes civis da República foram membros fundadores do Instituto, o qual teve Prudente de Moraes como primeiro Presidente Honorário e Cesário Mota Júnior como presidente efetivo.

No ato da fundação desta entidade, o Instituto Mackenzie fez-se representar por dois norte-americanos: Horace Lane e Orville Derby.

Médico e educador, Horace Lane trouxe para o recém-criado Instituto, aspectos inovadores de uma pedagogia experimental em oposição à escola tradicional então em vigor na sociedade brasileira. Diretor da Escola Americana em 1870, inaugurou o Mackenzie College, em 1891, e cinco anos depois instalou a Escola de Engenharia. Subordinada ao Conselho de Ensino Superior de Nova Iorque, a escola exigia inspeção permanente e essa responsabilidade coube ao notável cientista Orville Derby, que residiu em São Paulo de 1893 a 1915.



Família Horace Lane.

Lauriston Job Lane, Rufus King Lane, Fanny Lane, Frederik S. Lane, Giles Willians Lane, Horace Manley Lane Tonier, Margaret Lane, Horace Manley Lane e Suzan Lane.

Foto cedida por Fred Lane.

Formados em universidades europeias e norte-americanas, esses profissionais e especialistas constituíram um quadro social interdisciplinar inédito em 1894, valioso mediador nos setores renovados da sociedade paulista e da brasileira.

Proclamada a República, o Instituto abrigou confraria de intelectuais que passaram a refletir sobre a reforma da instrução pública e da particular em São Paulo, magistralmente conduzida por Prudente de Moraes. Seriadamente preocupados com a consciência da Nação, coube-lhes avaliar a prática do ensino norte-americano, com o intuito de adaptá-lo ao sistema educacional do Estado.

Belga, formada na Escola Normal de Paris, Marie Rennotte chegou ao Brasil em 1878. Após exercer o magistério em São Paulo, foi contratada, em 1882, para lecionar como professora e orientadora educacional no Colégio Piracicabano, inaugurado em 1881, graças ao apoio de mulheres metodistas norte-americanas.

Em Piracicaba, ficou hospedada na casa de Prudente de Moraes, futuro presidente da república, de quem se tornou amiga por afinidade ideológica. Com diploma emitido pelo "Women's Medical College of Pennsylvania, Philadelphia", em 1892, sua tese de doutoramento, *Influência da Educação da Mulher sobre a Medicina Social*, foi apresentada na Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro, em 1895, "a fim de poder exercer sua profissão na República dos Estados Unidos do Brasil". A tese foi dedicada "ao Ilmo. Sr. Dr. Prudente de Moraes Barros e a sua Exma. Senhora, com os respeitos da Autora".

Marie Rennotte foi a primeira mulher a tomar posse neste Instituto, no dia 4 de maio de 1901. Foi também a primeira médica a manter consultório no centro desta capital.

Com a proclamação da República, os cursos primário e normal passaram a merecer especial atenção das autoridades e dos intelectuais da época. Em 1894 e 1895, foram criadas quatro escolas-modelo na capital, mas, mesmo assim, esse esforço esteve longe de proporcionar ensino básico para a maioria das crianças.

Foram esses os primeiros passos deste Instituto, cuja história relatei em brevíssimas palavras.

Diz Miguel Torga que “é nosso dever reconhecer o mérito de quem cumpre a vida”. Convictos de que só os melhores entram para a história, neste dia consagrado aos 115 anos do IHGSP, gostaríamos de expressar nosso tributo de reconhecimento e admiração ao Professor Doutor Ives Gandra da Silva Martins, alma coletiva do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto dos Advogados de São Paulo e do Mackenzie.



Na minha metáfora, o Doutor Ives Gandra da Silva Martins, diamante da mais rara lapidação a iluminar a história desta comemoração, simboliza a trindade das nossas instituições. Considerado “homem notável” nos quadros da Universidade Presbiteriana Mackenzie, recebeu os títulos de Professor Emérito de Direito Constitucional e Econômico. No Instituto dos Advogados de São Paulo, ocupou o nobre cargo de presidente. Neste sodalício, além de ter sido Vice-Presidente, realizou debates sobre os mais controvertidos assuntos do mundo contemporâneo e de interesse nacional, foi oficialmente indicado presidente da mesa da Assembleia Geral Extraordinária que aprovou o novo estatuto e reelegeu esta diretoria para a gestão 2009-2012.

Nessa Assembleia terminou a mais grave crise do Instituto desde a sua fundação. Virou-se uma gloriosa página da nossa história, após longa, penosa e ousada travessia. Nas palavras de Fernando Pessoa, “é preciso esquecer os caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia, e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.

Síntese entre fé religiosa e mundividência científica e cultural, o Doutor Ives Gandra da Silva Martins busca a convergência de ideias que levem a um todo lógico e a resultados práticos para a resolução dos conflitos político-sociais que abalam a Nação.

Tantas realizações estariam incompletas se não referíssemos algo que nos parece essencial: seu talento inato e sua cultura notáveis têm sido colocados a serviço da pátria em

benefício do Brasil, de Portugal e da Comunidade Luso-Brasileira, no seio da qual, como orador oficial, participa de solenidades históricas – “o mais português de todos os brasileiros”, nas palavras de seu ilustre pai.

Não é fácil distinguir onde começa ou acaba o contributo de cada um, quando se fundem no amálgama da memória recíproca duas pátrias de língua portuguesa.

Cabem, muito a propósito da efeméride e dos personagens, as palavras do Professor Doutor Daniel Serrão, membro correspondente deste Instituto em Portugal, em mensagem que acabo de receber :

“Porto, 26 de novembro de 2009.

Caro Professor Ives Gandra da Silva Martins,

Conhecê-lo foi uma grande honra para mim. O Poeta, o Escritor, o Comunicador, o Jurista estão reunidos na sua personalidade, mas não se digladiam, completam-se... Lê-lo ou ouvi-lo é um privilégio de que me deixou desfrutar, com a gentileza da oferta das suas obras e a distinção de me convocar a participar de um debate na televisão brasileira. Encontrá-lo na Universidade do Minho, em Braga, foi a prova da universalidade da sua estatura de Jurista.

Na questão do processo, inqualificável, com o qual se desejou destruir uma Instituição como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, foi um gigante no vigor da argumentação e na sabedoria para conduzir um processo, inquinado à partida pelas sendas difíceis da justiça formal.

A Senhora que, com tanta dignidade e coragem, preside a Direção do Instituto, a Professora Nelly Martins Ferreira Candeias, deu-me conta, passo a passo, da evolução dos acontecimentos e das intervenções decisivas do Professor Ives Gandra para que a Justiça, a autêntica, fosse honrada e o pleito vencido. Por isso aqui estou a felicitá-lo, Professor, a agradecer-lhe e a desejar-lhe longa vida, para benefício e prestígio da Jurisprudência brasileira, já tão enriquecida com as suas posições e pronunciamentos nas matérias mais delicadas.

Com a amizade de Daniel Serrão”

Advogado e jurista, Ives Gandra da Silva Martins consubstancia, em sua alma serena, inteligência compreensiva e coração generoso, o espírito solidário e associativo deste Instituto, onde homens e mulheres escolhidos por qualidades morais e intelectuais se reúnem com a finalidade de defender e perpetuar, sempre pela história documentada, a verdade, a justiça, a ética, os direitos humanos, as tradições sagradas da nossa terra, da nossa gente e os feitos de nossos ancestrais.

Esta expressão da Pátria ampliada, que é o Instituto, leva-me a concluir, repetindo as palavras de Isaías, profeta também referido pelo Dr. Ives Gandra Martins em obra dedicada a sua esposa – *O Livro de Ruth*: “e tu contarás a teus filhos, e teus filhos contarão a seus filhos, e seus filhos contarão às futuras gerações”.

E por assim pensar, vou relembrar que o Instituto foi fundado no dia 1º de novembro de 1894, em Assembleia realizada no salão nobre da Faculdade de Direito, a convite de Antônio de Toledo Piza e Almeida, Domingos José Nogueira Jaguaribe e Estevão Leão Bourroul, idealizadores dessa iniciativa e homens de convicções seguras.

Cento e trinta e nove intelectuais atenderam ao apelo, comparecendo pessoalmente, ou fazendo-se representar e, por aclamação, escolheram a primeira diretoria, em caráter interino, constituída por Cesário Mota Júnior, presidente; Domingos Jaguaribe, vice-presidente; Antônio de Toledo Piza, secretário; e Leão Estevão Bourroul, Carlos Reis e Cônego Valois de Castro, sem cargos especificados. Essa Assembleia aclamou Presidente de Honra o Doutor Prudente de Moraes Barros.

Em 23 de dezembro do mesmo ano, a Assembleia elegeu a diretoria para o primeiro triênio formada por Cesário Mota Júnior, presidente; Conselheiro Antonio Duarte de Azevedo, vice-presidente; Carlos Reis, 1º secretário, Manoel Ferreira Garcia Redondo, 2º secretário; e Domingos Jaguaribe, tesoureiro. Estevão Leão Bourroul, um dos convocadores para a reunião fundadora, integrou em 1894 a Comissão de Regulamentos e Estatutos e, em 1910, a Comissão da revista.

Confio em que futuras gerações ligadas ao bem da Pátria, da cultura, especialmente da História e da Geografia, reunidas para solenizar outras datas e outras personalidades relevantes, recordem esta data, estes nomes, estas referências. Para isso foi criado o Instituto, para isso ele convocou os talentos aqui reunidos, no passado e no presente.

Senhores e Senhoras, encerro com a frase, em latim, que consta do histórico logotipo do Instituto, criado pelo sócio João Vieira de Almeida, em 1894:

*Hic domus. Haec patria est. Quotidie. Aliquid addiscentem*, cuja tradução é “Aqui é a casa. Esta é a pátria. Algo se aprende todos os dias”.

Amém.

## Palavras de Maria Odete Duque Bertasi<sup>1</sup>



Senhora Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Dra. Nelly Martins Ferreira Candeias, Doutor Ives Gandra da Silva Martins, demais autoridades que compõem a mesa, senhoras e senhoras. Foi com extrema satisfação que recebi o convite para participar desta Sessão Solene em homenagem aos 115 anos de fundação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e, mais honrada fiquei quando convidada para, em meu nome, e em nome do Instituto dos Advogados de São Paulo – entidade que tenho a honra de presidir – saudar o

ilustre Dr. Ives Gandra da Silva Martins.

Começo, porém, lembrando fato histórico envolvendo as duas entidades, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, que completa 115 anos, e o Instituto dos Advogados de São Paulo, que no próximo dia 29 de novembro completará 135 anos de fundação.

De acordo com os estudos e levantamentos feitos por historiadores por ocasião das comemorações dos 130 anos de fundação do IASP, verificou-se que, no período de 1916 a 1928, portanto por longos doze anos, as reuniões do então Instituto da Ordem dos Advogados de São Paulo, antiga denominação do IASP, eram realizadas no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. (Livro: *Memórias do IASP e da Advocacia, de 1874 aos Nossos Dias*, p. 208).

Este mesmo levantamento histórico revelou uma referência ao IASP, na ata da 3ª Sessão ordinária do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo no ano de 1899, durante a Presidência de Manuel Antonio Duarte de Azevedo.

Consta da referida ATA:

*“O Sr. Presidente (Duarte de Azevedo) comunicou à casa que, pelo Instituto dos Advogados de São Paulo, foi feita uma proposta ao Instituto Histórico para a cessão da Sala das Sessões para aí funcionar. Pediu a palavra o Sr. Dr. João Monteiro e declarou, como presidente do Instituto dos Advogados, que a cessão da sala era para aquele Instituto funcionar apenas duas vezes por mês, mediante retribuição que podia ser acordada entre as duas diretorias.*

*O Sr. Miranda Azevedo propôs que a mesa ficasse autorizada a fazer o acordo, sendo sua proposta unanimemente aprovada” (op.cit, p. 75)”.*

A circunstância de terem sido realizadas neste Instituto Histórico as reuniões do Instituto dos Advogados, durante 12 anos (de 1916 a 1928) reveste-se de grande importância, não apenas porque aproxima as centenárias instituições, mas especialmente porque representou relevante colaboração ao Instituto dos Advogados de São Paulo em período em que se reorganizava institucionalmente.

<sup>1</sup> Maria Odete Bertasi, primeira mulher a presidir o IASP.

Aliás, quando se trata da questão da organização e do resgate da história do Instituto dos Advogados de São Paulo, obrigatoriamente precisamos render nossas homenagens ao Dr. Ives Gandra da Silva Martins, na medida em que foi, sob sua profícua e festejada presidência, no ano de 1985, que ocorreu a descoberta, corroborada através de farta documentação, de que o Instituto dos Advogados fora fundado, não em 1916, como até então acreditava-se, mas sim no ano de 1874.

Por todas estas razões, é que reafirmo a minha satisfação pela oportunidade de estar participando desta Sessão Solene comemorativa dos 115 anos de fundação deste Instituto Histórico e Geográfico, que, por suas várias e reconhecidas atividades, tem mantido o ideário de seus fundadores.

Satisfação maior envolve, neste especial momento, o meu espírito, pela grata oportunidade de poder saudar pessoa que admiro e respeito, de cuja amizade e infinitas luzes de conhecimento e cultura tenho tido a satisfação de compartilhar nos últimos quase 30 anos, eis que o conheci ainda na década de 80.

O Dr. Ives Gandra da Silva Martins recebe hoje, para o júbilo de todos nós, seus admiradores, o Colar Dom Pedro I, máxima e justa condecoração outorgada por este centenário Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Permita-me, senhora Presidente, manifestar o desejo do Instituto dos Advogados de São Paulo de vivamente associar-se, como preito de reconhecimento e agradecimento, a esta merecida homenagem àquele que é exemplo de trabalho, ética e dedicação às grandes causas e interesses humanitários.

Saúdo, portanto, o ex-Presidente do Instituto dos Advogados de São Paulo, e ilustre membro deste Instituto Histórico, o Dr. Ives Gandra da Silva Martins, renomado jurista com reconhecimento internacional; inúmeras vezes agraciado com títulos honoríficos, comendas e ordens do mérito; professor emérito de várias universidades; presidente e ex-presidente de entidades não apenas da área jurídica, mas também de associações e academias ligadas às Letras e à Cultura; educador; autor de inúmeras obras e artigos diversos tanto no campo do direito, quanto em filosofia, história e literatura.

E termino esta breve saudação, oferecendo ao “Poeta” Ives Gandra, o seu próprio “Canto”:

**Canto do Poeta (Tempos e Lendas)**

*“Meu canto é nuvem...Solidão do eterno,*

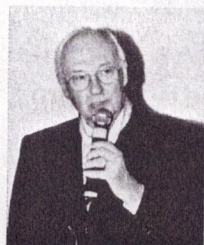
*Espelho d’alma sempre, como o olhar.*

*Tem a frieza trêmula do inverno*

*E o desejo senil da lua par.  
Meu canto é nuvem...Sensação da vida.  
Cofre de sonhos como o coração.  
Tem o calor da terra prometida  
E o descortínio imenso da amplidão.  
Meu canto é nuvem...Tentação da origem,  
Luz diferente da distância escura.  
Tem o brilho escondido da vertigem  
E as trevas solitárias que procura.  
Meu canto é nuvem... Pálido acalanto,  
Que ao mundo nada causa e a mim espanto”.*

Muito obrigada!

### Palavras de Ives Gandra da Silva Martins



O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo comemora 115 anos de existência. Num país que nem sempre cultua a memória de seus maiores nem valoriza as instituições geradoras do saber, a data merece todos os encômios de paulistas, paulistanos e brasileiros. É, a instituição, uma das mais relevantes da história deste país, tendo marcado sua presença em todos os fatos relevantes da República, à época em que os mais cultos eram aqueles que se habilitavam para dirigi-lo.

Sua história está intimamente ligada à do Instituto dos Advogados de São Paulo, que, este ano, comemora 135 anos e cuja eminente presidenta nos honra com sua presença.

Um antigo condutor da Instituição, o ínclito penalista Tales Castelo Branco, editou livro em que consta a trajetória do Instituto dos Advogados de São Paulo – IASP, vinculando-a também à história de São Paulo. É de realçar que, durante muitos anos, as reuniões da direção do IASP ocorreram na sede do IHGSP, graças à fidalguia de seus dirigentes. Havia, no passado, como hoje, muitos sócios comuns, que emprestavam e emprestam seu talento e brilho às duas instituições.

Tive o privilégio de saudar o eminente Professor Ruy Fragoso, quando recebeu o Colar Dom Pedro I, ele que também presidiu a mais antiga instituição da classe dos advogados do Estado de São Paulo, em clara demonstração dos laços culturais que ligam as duas instituições.

Tenho para mim que o Instituto dos Advogados de São Paulo, o Instituto Histórico e Geográfico e a Academia Paulista de Letras tornaram-se as três mais importantes instituições culturais do Estado e das mais respeitadas no Brasil, razão pela qual se justifica o gáudio de que somos todos tomados, no dia de hoje. Homenageia-se, hoje, o que São Paulo tem de melhor, ou seja, a sua cultura.

No meu caso, a alegria, imerecida, é ainda maior, pois é por um gesto de generosa amizade que recebo a Mais Alta Condecoração da Casa, ou seja: o Colar Dom Pedro I, nos 115 anos da entidade.

É inútil reiterar, nestas breves palavras, a afirmação já feita a esta admirável condutora dos destinos atuais do Instituto, que nada fiz para merecer tão alta honraria.

Atribuo-a à fraternidade de ideais e de sonhos que nos têm unido, na busca de caminhos mais permanentes para a evolução dos estudos históricos no país, muito embora, em sua incessante batalha, tenha eu sempre participado como modesto acólito, um seguidor vicário, um trabalhador auxiliar, que reconhece, em sua liderança, o sucesso da fantástica atualidade, em que vive o Sodalício.

Agradeço, sensibilizado, a homenagem – repito, imerecida –, prometendo, nos limites de minhas forças físicas, continuar a lutar a seu lado pelas metas da instituição.

Alegra-me, também, receber o Colar que lembra a figura maiúscula de Dom Pedro I, a que Pedro Calmon reconheceu a potencialidade de ostentar quatro coroas.

Ao contrário da insuficiência cultural de determinados frequentadores da mídia, que, inclusive, se auto-outorgaram o direito de desfigurar a imagem de Dom João VI, até em filmes, num misto de ignorância e preconceito, tenho a convicção de que o projeto Brasil Independente – conformado numa única nação que ocupa espaço geográfico semelhante ao ocupado pelo espanhol – só foi possível graças ao espírito do povo português, mas, fundamentalmente, graças às figuras de Dom João VI e Pedro I.

A Dom João VI se deve o mérito de ter organizado o Brasil para a independência, quando, em gesto de coragem, decidiu não se curvar a Napoleão, como ocorrera com as demais nações da Europa Ocidental, vindo para o país.

Quem se refere à precipitação em deixar Portugal desconhece a dificuldade de planejar-se a mudança de toda a Corte Imperial em uma esquadra, algo só possível – em época em que a logística não contava com as facilidades dos dias atuais – graças a cuidadoso planejamento, cujos meandros desconhecemos, até porque deveria ser mantido em segredo pelo maior tempo possível, a fim de não gerar dificuldades administrativas em Portugal.

Sua vinda ao Brasil e o governo que aqui exerceu, até o retorno a Portugal, consolidou de vez a formação de uma única nação, ao contrário do fracasso espanhol, que

viu, nas guerras de independência, esfacelar-se o seu império em um grande número de pequenos ou médios países.

Graças a seu gênio, também, seu filho, Dom Pedro I, foi preparado para assumir o trono e manter a unidade luso-brasileira, com o que o pensamento geopolítico de Dom João VI pavimentou a estrada dos 1º e 2º Impérios e a formação de uma nação monolítica, indivisível, nada obstante os valores e as culturas diferentes em cada uma de suas regiões.

Dom Pedro I e seu pai são os verdadeiros fundadores da pátria independente, inclusive sendo a Constituição que Dom Pedro ofertou ao Brasil, após a dissolução da Constituinte, uma Carta de tal valor, que permaneceu de 1824 a 1891 a gerir os nossos destinos. Nenhuma das sete Constituições brasileiras durou tanto tempo quanto aquela outorgada por Dom Pedro I, considerada por mim, modesto constitucionalista, uma das mais modernas, à época, a ponto de influenciar a conformação da lei suprema belga, país que teve, no seu nascimento, o apoio quase que imediato do Brasil.

Dom Pedro I governou com talento, mas também com impetuosidade, que o levou, muitas vezes, a avaliar mal a colaboração de seus assessores diretos, como ocorreu no episódio do exílio dos Andradas. A posterior atribuição, aos seus ex-adversários, da missão de cuidar e preparar seu filho e futuro imperador para a condução do Estado brasileiro demonstra a força de seu caráter, de reconhecer e superar os erros de avaliação cometidos, o que apenas enaltece a sua figura monumental.

Reconquistando o trono de Portugal, ao vencer Dom Miguel, e reinando, logo a seguir, como Pedro IV até ser levado por morte prematura, permitiu, todavia, que uma brasileira, a sua filha, Maria da Glória viesse a ser a imperatriz de Portugal, governando por muitos anos a nação portuguesa.

O Colar Dom Pedro I, portanto, representa para mim uma homenagem indevida, que, todavia, me sensibiliza pela profunda admiração que tenho por Dom Pedro I e seu papel histórico na consolidação da nação brasileira, assim como pelo carinho que nutro pela Instituição que me o outorga. Transformo o dia de hoje, em dia de rara alegria, que, para um velho como eu, termina por representar o maior teste cardíaco que algum mortal pode passar.

Caríssimos membros do IASP, caríssima Maria Odete, caríssima Nelly Candeias, muito e muito obrigado pelo gesto, pela homenagem, nos 115 anos da fundação do nosso admirável Instituto.

## Palavras do Dr. José Furian Filho



Autoridades presentes, Senhoras e Senhores, boa tarde.

É com muita satisfação que a empresa brasileira de correios e telégrafos assinala, com um carimbo comemorativo, os cento e quinze anos do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo – guardião da memória do nosso Estado, de sua cultura, sua história e suas proezas. Nesta celebração especial, é oportuno dizer que são imensuráveis os feitos e as contribuições desta entidade ao Estado de São Paulo e ao

Brasil, desde os tempos de seus fundadores.

Cito, com orgulho, o nome dos três distintos homens que, naquele primeiro de novembro de 1894, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, diante de intelectuais, políticos, ecleásticos e integrantes do poder judiciário, lançaram as bases para a gênese desta casa: os doutores Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho, Antônio de Toledo Piza e Estevão Leão Bourroul. E assim se realizara a reunião inaugural.

De fins do século dezenove à primeira década do século presente, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo verteu-se, pelo esmerado e contínuo trabalho de seus associados, num farol a iluminar a memória paulista e nacional, para onde convergem acadêmicos, pesquisadores e estudantes.

Tratando do tema preservar para o presente e para a posteridade, creio ser oportuno, nesta data, mencionar que este instituto abriga, desde agosto de 2005, em sua biblioteca, selos e peças postais disponibilizados para a pesquisa pública.

O Centro de Memória Filatélica materializou-se ainda na gestão da Doutora Nelly Martins Ferreira Candeias, atual presidente do instituto, que, generosamente, cedeu o espaço ao presidente da federação das entidades filatélicas do Estado de São Paulo, engenheiro Geraldo de Andrade Ribeiro Júnior, e acolheu o precioso acervo, doado por ele e diversos colecionadores. Esse material, desde então, passou a ser patrimônio de todos, paulistas e brasileiros.

O carimbo comemorativo ora lançado também faz alusão a uma exposição fotofilatélica, cujo tema escolhido para brindar esta festa foi “os pioneiros da aviação”, de autoria da escritora e pesquisadora senhora Laurette Godoy.

A opção por esse tema foi uma deferência a um herói brasileiro do século XVIII que, até pouco tempo, era quase um desconhecido dos seus compatriotas, situação que se alterou graças a um vigoroso trabalho de resgate histórico promovido pela senhora Laurette de Godoy.

Estamos falando do Padre Bartholomeu de Gusmão, o precursor da navegação aérea, brasileiro, mas também ligado à pátria portuguesa, cujo invento maior, o balão de ar quente, completa trezentos anos em 2009.

Um homem cujo invento dois outros brasileiros pioneiros da aviação, Alberto Santos Dumont e Augusto Severo, tomaram como ponto de partida para suas realizações.

Este é o templo ideal para a apreciação dessa mostra filatélica.

Finalizando, gostaria de felicitar o jurista, escritor e professor emérito, Doutor Ives Gandra da Silva Martins, pelos relevantes serviços conferidos a esta casa, a São Paulo e ao nosso país.

Agradeço ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo o convite à nossa participação e parabênzo os organizadores deste evento para o registro de tão importante ocasião.



## Registro Fotográfico



Maria Odete Duque Bertasi, Nelly M. F. Candeias, Fred Lane e Ives Gandra da Silva Martins exibindo o Diploma do Colar.



Da esquerda para direita: Fernando Leça, Presidente do Memorial da América Latina e José Guilherme Queiroz de Ataíde, Cônsul Geral de Portugal.



Damáσιο Evangelista de Jesus.